

Se se pudesse ler...

Ah! Quem pudesse penetrar em muitos corações, lá encontraria infinitos de magnas, mundos de dores e de sentimentos entre os dizes que a linguagem humana é incapaz de explicar, nua e grossa, como é, para tudo quanto nos affecta no mais intimo de nosso ser.

São inexprimíveis os affectos e as magmas do coração! Ninguém podera em tempo algum dar suaver uma pallida idea de uma alma seramente ferida pela desventura. A dor penetra funda e deixa sulcos que nunca se apagam no seto dos inditosos. São Deus, o Pai Misericordioso, o Bom por excellencia, pode penetrar até lá, e aquillo mesmo que o proprio padecente não comprehende, elle o sabe, o vê, e dá remedio, quando a sua Misericordia julga opportuna a sua intervenção. São Deus pode ler as phrases que o infortunio grava em uma alma ahiã. So Elle decifra o migma da

vida que ora e uma supplica incessante ou uma incessante blasphemia.

O mundo, absorvido no movimento, no ruído, no bulicio, não comprehende nem comprehendera as tragedias que se passam dentro d'alma, tragedias silenciosas, unnas solemnes, outtas tectricas, qualquer dellas maior que o universo material mais emocionante que o cosmos necessitado pelas leis inexoraveis da mathematica.

Ah! Se se pudesse ler o fundo dos corações! Quanta coisa que a lingua não traduz, que o pensamento não escreve, elle veria! o que soubesse ler o livro da vida moral!

Mas talvez So Deus pòde tanto! Ouu.

Guerra Junqueiro e a questão Dreyfus

Damos em seguida a traducção da resposta de Guerra Junqueiro ao inquerito da revista francesa La France, sobre a questão Dreyfus:

NINON DE LENCLOS
essareava da riga, que jamais osou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se juven e bella, atrahido sempre os pedacos da suavidade do lap-tismo que rasgava a curado Tempo, cuja fôrça embolava-se sobre sua encantadora physionomia, seu que nunca deixasse o menor traço. Muita verdade ahiã! via-se ubri-gar a luz e a calma radiante, como a raposa de La Fontaine dizia das avas. Este segredo, que a celebre egidista francezã mais confidava quem quer que fosse das pessoas daquelle tempo, descobriu-o o Dr. Levant entre as folhas de um volume de L'Hebete amoureux des grises, de Buss-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MANSO LEBONTE, Rue de 3 Septembre, 35, Paris. Esta agua tem um á essencia das nossas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o
DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.
LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao presenço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON conta-se:
LA POUDE CAPILLUS
que faz voltar os cabellos brancos á sua natural e existe em 12 cores;
SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrussa e brama as pestanas e os supercilios, no mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.
LA PATE ET LA POUDE MANOERMALE DE NINON
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.
Convém esticar e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emulções e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS
MÃO DE PAPA de Junque, de príncipe, por meio da Pâte des Prélats, que embranquece, alisa, seccina a epiderme, impelo e destró as freiras e os rachas.
UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com travos torna a melhorar sua brancura primitiva e sua coroa lissa por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrafeito.
CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÕES
Para ser bella encantar todos os olhos deve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se os fios de cabellos empregando-se l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. de 4-Septembre, Paris.
NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes está aqui a solução que lhe queriam os com l'Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella.
E. SENET, Administrateur, 35, R. de 4-Septembre, Paris.

A Natureza é a mentira evolucionando para a verdade, o Mal evolucionando para o Bem. Quem marcha para a verdade realisa o fim ultimo da vida: caminha para Deus.

Todas as batalhas de Napoleão não valem um gesto de Picquart.

As victorias enroladas a columna de Vendome chegam, quando muito, a cem metros de altura, aos pés de bronze de um quadrilheiro hyperbolico. A victoria de Picquart, victoria da Justiça, chega mais alto que as estrellas, porque vac até Deus.

Contra a Verdade não ha razões de Estado, nem razões sociaes pois que, a unica razão da Vida é a Verdade em si.

Dizer que deve esconder-se uma verdade quando, proclamando-a, resulta a guerra, equivale a dizer que a verdade é um flagello e que Deus é o Mal.

Os humens de Estado, vivendo no momento, são Pilatos contra Jesus; os homens do ideal, existindo na eternidade, são pela Justiça e pelo Bem, succeda o que succeder, contra tudo e contra todos.

Racahout DELANGRENIER
Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel
O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o
Melhor alimento das Crianças
desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.
TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.
Exigir a marca verdadeira DELANGRENIER-PARIS
É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING
RE-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saporoso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do D. SOULIGOUX
Laxante certo,
1878, 1881, 1883, 1885, 1887, 1889, 1891, 1893, 1895, 1897, 1899, 1901, 1903, 1905, 1907, 1909

Perfumaria extrafina
L.T. PIVER
PARIS
Corylopsis do Japão
SABÃO - ESSENCIA - PÓ DE ARROZ - OLEO
LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS
Evitar as Imitações e Falsificações
O Tréfle incarnat
L. T. PIVER
Parfums de Moda
Violettes de Parme
SABÃO - ESSENCIA - PÓ DE ARROZ
LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS
Leite de Iris L. T. Piver
PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA DO ROSTO
A melhor e mais higienica de todas as preparações para o toucador
Dentifricos Mao-Tcha
PÓ - PASTA e ELIXIR

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA
PARIS
AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR
AGUA de TOUCAOOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperial Russe.
EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moiki, Muguet, Gilet Reine, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougère Royale, Glorina, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie, Giroflee, Corydalis, Bouquet d'Or, Sureau, Rocco.
SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violette ideale, Fougère Royale, Lait de Thridane, Royal Houbigant.
PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.
PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

Se a absolvição de Dreyfus innocente desentendesse a guerra civil e a guerra estagnada, enchendo das patias de luto e de rimas, eu quiz, tranquillo, absolvia a innocencia.

Se a absolvição de Dreyfus innocente inundasse, o globo inteiro de vagalhões de sangue e de rios de lagrimas, eu quiz, sem hesitar, absolvia a innocencia.

Se a absolvição de Dreyfus innocente produzisse, enfim, um cataclismo cosmico, entrecrocando n'um fabuloso de astre universal, todos os milhoes de soes, planetas e nebulosas, que voam no infinito, eu quiz de Dreyfus, d'um traço de penna absolvia a innocencia.

O fim da Natureza e chegar a Deus, absorvendo se n' elle. Como? Pelo Anor e pela Dór.

Poi isso, eu não verteria uma lagrima deante do espectralculo sublime do universo intencio martyrizado em nome do Ideal, sangrando pela Justiça e ruzindo de dôr por causa da Verdade.

GUERRA JUNQUEIRO

Villegiatura de Creanças Pobres

O *Figaro* de Paris publicou o seguinte artigo que o *Jornal do Commercio* de Lisboa traduziu com o titulo supra:

Não é lamentavel a situação d'estes pobres pequenos parisienses, condemnados a viverem, todo o anno, em pocilgas sem ar, a crescerem na atmosphera fetida e empoçada das ruas, a não conhecerem da verdura e do ar dos campos mais que os *puces* em que se amontoam aos inagotes — com prohibição de brincar sobre a relva?

E com tal regimen que se pode ter soldados resistentes, operarios robustos, e reparigas capazes de suportarem mais tarde os deveres da maternidade?

Bem vinda é, pois, a obra das *Colonias de ferias* que pega nas creanças pobres de Paris e as leva para o campo, por um periodo maior ou menor, durante os mezes mais quentes do anno.

Voltam ellas com boas cores, crescidas, fortalecidas, e bem mais contentes com as suas *villegiaturas* do que as creanças ricas que passavam a estação torrida em meio das elegancias de Trouville, Dieppe ou Aix-les-Bains. É a excepção que verdadeiramente faz apreciar as boas coisas.

Foi hontem ver mademoiselle Delassaux, a zelosa directora da obra, no bairro Gaillard, nas, onde são recebidos todos os donativos em generos ou em dinheiro, e a quem pedi me explicasse o machinismo da obra.

Antes de mais nada, digam-me mademoiselle Delassaux é uma pessoa das mais respeitaveis que, tendo perdido seu paé ha tres annos, se consagrou toda inteira a obra das ferias, e contribue para uma grande parte do seu exito pela sua intelligencia, pela sua actividade e pela dedicação quotidia.

Nasceu esta obra d'uma outra fundada em 171 por madame de Pressensé. Recolhia ella as creanças abandonadas, e em grande numero, depois da guerra e a Communa; esforçava-se ella por as albergar, alimentar, vestir, educar; nas ruas Gergovie, Val-de-Grace e Poincaré se abriram: um asylo, uma officina e uma casa materna, e foi em 1831 que se organizou a obra das ferias, hoje distincta, mas com o mesmo *comité* protector: madame de Pressensé, madame Luiz d'Eichthal, madame Julio Siegfried, etc.

A recommendação das damas protectoras ou das pessoas que se interessam pela obra, são acceitas as creanças designadas para esta ou para aquella viagem. Os parentes acompanham-as *in parte* e vão fiscal-as no regresso.

Parte a caravana sob a direcção de uma vigilante, que nunca mais abandonara as creanças.

Catholicos, protestantes, israelitas, alumnos das escolas leigas ou das escolas congreganistas, rapazes e raparigas de trez a quinze annos, são igualmente recolhidos e cuidados, mas com a melhor ordem. Juntam-se as creanças catholicas, e, ao domingo, são mandadas a missa; as creanças protestantes são entregues a um pastor, e, finalmente, as creanças doentes são tratadas a parte. Para estas alugam-se estalhões em Omival, entre Triport e Saint-Valéry-sur-Somme.

uma creança em que os donativos, em terras de dez, fazem uma estação do vinho e um dia para tomar banhos de mar.

Mas não é ali que vai o maior numero de creanças porque a obra, no ultimo anno, deu feitas a oitocentas; em Bézards (Loiret) a 817 em Nogent-sur-Vernisson a 117; em Châtillon-sur-Seine a 177. A Companhia P.-L.-M., sempre generosa, concede o abatimento de 25 por cento nas passagens.

Mime de Eichtal vigia, pela sua parte, cerca de quinhentas. São collocadas todas em campones, de moralidade e bondade notorias. Interessam-se as boas campones, cercando as de cidades verdadeiramente maternais. Dão lhes um litro de leite por dia, carne quatro vezes por semana, ovos, legumes, queijo e fructas, duas comidas por dia, afora almoço e merenda. Com este regimen e bom ar, caminhadas e orientas pelos campos, e a natural alegria d'estabilidade, a saúde e o vigor das creanças fazem rapidos progressos.

Mas d'onde vem o dinheiro? Fornecem-no os donativos voluntarios. As ferias de uma creança custam, em media, com as despesas genes, sessenta francos. Assim, com 60 francos, pode dar-se felicidade e saúde a creança pobre! Quantos podem subtrahir esta quantia aos gastos da sua villegiatura!

Mas as sommas mais pequenas são bem acolhidas: pode dar-se um dia, uma hora de ferias que seja, a estas innocentes victimas da atmosphera parisiense.

Estão na porto de 1200 pedidos!

E se se podesse, se houvesse bastante dinheiro, far-se-ia melhor! Instalar-se iam no campo, nas quintas, por todo o anno, os filhos dos tuberculosos, que se podem ainda arrancar ao flagello; porque, sabe-se, as creanças não nascem tuberculosas; é com o contacto diario com os paes que adquirem o mal.

Mas isso é ainda um sonho. É preciso contentar-se a gente com as ferias das creanças pobres, que é um a obra das mais tocantes e das mais uteis.

Suzette

(CATULLE MENDES)

Morreu Suzette. Tinha apenas quinze annos. Pobre querida! Tão nova sob a terra fria...

Collocaram-na num caixãozinho do tamanho de um beijo. E encomendaram a um canteiro uma pedra tumular, com esta inscripção:

— *E' aqui que repousa Suzette, morta aos quinze annos.*



Eu vim de longe, de muito longe, para pedir um beijo que ella me promettera quando pequena. Mas algem me disse no caminho:

— Como! não sabe? Morreu Suzette. Apenas com quinze annos e já morta!



— Não acredito, repliquei. Ha no povoado tanta gente velha e que ainda vive... e depois, não é na primavera que emmurchessem os lyrios.



No cemeterio procurei entre os tumulos alvos, o da pobre creança, e como não o encontrasse, perguntei ao coveiro:

— Sabe-me dizer onde enterraram Suzette?

— Não sei positivamente.

O que lhe posso dizer e que sobre o tumulo della ha uma pequena inscripção...



Mas, a alguns passos dali, um botão de rosa branca, tão branca como a neve, entreabria-se tremulo para o ceo. Ah! como a gente se sentia bem ali. Que perfume em volta de nós!

— Provavelmente, disse commigo mesmo, e aqui que repousa Suzette, morta aos quinze annos, em 16 de Abril!

O czar intimo

A combrencia de Haya vem de novo chamar a atenção para a figura do imperador de todas as Russas, que é o mais poderoso e o menos conhecido dos soberanos do mundo christão. A immensa extensão dos seus Estados, que correm in parte da Europa e o terço da Asia, como os poderes de que dispõe, dão-lhe auctoridade e uma magestade sem igual nos outros paizes, emquanto que a veneração tradicional inspira aos seus subditos lic poupa as curiosas indiscretas, cercando-o de uma especie de nuvem penetravel.

Nicolau II, esvelto, franzino, de estatura regular, exerce pelo encanto um tanto melancolico da sua physionomia, grande poder de seducção. Sempre uniforme—pois na Russia, como na Alemanha, os officiaes não usam o traje civil—nunca se veste de a sua ascensão ao throno, senão de coronel. Na commandava senão um regimento a morte do paé e embora chefe supremo do exercito, não se julga auctorisado, por um sentimento de amor filial, a apparecer com as dragonas de general antes de ter ganho a sua promoção por antiguidade.

Assim como os outros soberanos, elle pode vestir a sua vontade o uniforme dos regimentos de qualq' arma, missos ou estrangeiros, de que seja chefe. Assim é que nas grandes recepções veste ás vezes o uniforme de general allemão ou almirante inglez.

A bondade e a affabilidade não excluem na imperador a firmeza e a perseverança nas ideias. O imperador reflecte e age mais do que falla: de caracter reservado e altivo, muito russo, muito convencido da grandeza da sua missão, muito religioso e confiante com o auxilio da Providencia para governar o seu povo, recebe qualquer ingerencia nos seus negocios. Escolhe os amigos e não se deixa impor. Confiança no bom senso e na experiencia da imperatriz nova, consulta-a, mas sabe guardar a responsabilidade das suas decisões.

Possue no mais alto grau o espirito de familia; am extremamente as filhas, as pequenas grand-duquezas Olga e Tatiana, com as quaes gosta de brincar; o respeito pela mãe e o affecto pelo irmão, a grand-duqueza Xenia são bem conhecidos.

Intimigo do Fausto, aprecia a felicidade pacifica e lar e procura antes de tudo a paz e simplicidade. Esses gostos, participados pela imperatriz Alexandra, dão a vida do par imperial um caracter muito particular, que forma contraste singular pelo seu encanto de intimidade com as necessidades da representação official. É raro ver soberanos evitarem esse ponto toda a especie de luxa.

A vida quotidia do imperador muda naturalmente com a residencia das côrtes e as estações, mas é sempre relativamente pouco conhecida. Enquanto que na Alemanha Guilherme II habita, por assim dizer, uma casa de vidro, que a mais larga publicidade dada aos seus menores actos e gestos, que se pode acompanhar quasi hora por hora o emprego do seu tempo, na Russia, pelo contrario, o imperador, qual soberano oriental, está occulto para os seus subditos. Apos as ceremonias officiaes, onde apparece cercado da pompa tradicional, não se vê senão raramente o monarca.

O que se sabe da sua vida intima corresponde, aliás, com o que se deve esperar de um caracter como o seu. Nicolau II leva uma vida de familia, simples e laboriosa. A imperatriz está geralmente perto d'elle, assim como as suas duas filhas. Parte começar o dia, o par imperial tem o costume de assistir, todas as manhãs, a certo serviço divino, celebrado na capella do palacio. Ao meio dia e ás 8 horas da noite são servidas as refeições, tomadas a maior parte das vezes a sos, excepto num ou dois dias da semana, em que algumas pessoas da corte recebem convite para a mesa imperial. As refeições são curtas e relativamente fugaces.

O imperador levanta-se cedo e deita-se tarde, acompanhando nas menores minutias os negocios do governo. Cada ministro tem o seu dia especial de audiencia e faz um relatório sobre as questoes que interessam

ministerio. Em caso de urgencia, basta que solicite uma audiencia extraordinaria e é sempre recebido. O ministro dos negocios estrangeiros, conde de Mouravieff, é admitido mais frequentemente que os seus collegas á presença do imperador, que dedica attenção particular aos negocios esternos.

Severo com os altos funcionarios, o imperador é, pelo contrario, affavel para com os pequenos e os humildes; seguindo as suas ordens, o ajudante de ordens encarregado d'este serviço faz passar sob os olhos do soberano as petições e os requerimentos que chegam ao palacio. Nicolau II lê-os e anota-os a lapis encarnado.

Inspirando-se no exemplo de Alexandre III e mais liberal ainda que seu pai, o imperador não quer ser escravo da etiqueta e os seus modos são de uma liberdade até aqui desconhecida na corte russa. Todos os seus subditos podem ter accesso junto á sua pessoa. Nicolau II tem recebido delegações de camponeses com a mesma affabilidade que usa com os membros da mais alta nobreza.

Ate o protocolo das audiencias imperiaes denota o progresso das ideias modernas. O imperador recebe sem testemunhas no seu gabinete de trabalho e a imperatriz no seu salão particular.

Quando os imperadores saem em S. Petersburgo, causa alguma revela ao publico a sua aproximação. Na sua victoria tirada por uma parella de cavallos pretos, ou no seu terno, guiado sempre pelo mesmo cocheiro vestido á russa e celebre pela sua gordura, passam as vezes despercebidos. Apesar de haver o seu retrato em todas as casas, em todas as *istias*, pendurado ao lado das santas imagens, o imperador Nicolau II, nem sempre é reconhecido nas ruas e o cocheiro de praça que o levou um dia ao palacio de Tsarskoié-celo não percebeu senão pelo preço excepcional pago pela corrida (logo o) a qualidade do seu imperial freguez.

O czar é grande amator de varios ramos de *sport* e de exercicios physicos. Nada como um peixe, e excelente cavalleiro, apaixonado pela bicycleta e pela caça. Em S. Petersburgo, vac frequentemente ao theatro. Mas as festa da corte que dá no palacio de Inverno não são para o imperador distracções: considerava antes comõ obrigações a que não se pode eximir. Os seus bailes são de um fausto desconhecido nas outras côrtes; ha seis por anno: dois grandes para os quees são convidadas cerca de 1000 pessoas, e quatro pequenos a que assistem, cada vez, por serie, 800 pessoas. A cea nunca é volante. Suas magestades dançam apenas a primeira quadrilha e uma polaca.

Nicolau II que tem poucos gostos communs, como Guilherme II, não aprecia as viagens ao estrangeiro nem tão pouco dentro dos seus Estados. Entretanto, a sua installação a bordo dos seus tres *yachts*, o *Standard*, o *Estrella Polar* e a *Tsarina*, nada deixa a desejar. Todos os ultimos aperfeiçoamentos da arte naval foram applicados na construcção do *Standard*, que tem uma tripulação de 400 marinheiros e mede 103 metros de extenção por 22 de largura. A bordo ha duas salas de jantar, sendo uma para os talheres.

A sympathia na educação

Tal foi o thema d'um dos discursos de distribuição de premios, no Lyceu Voltaire, de Paris. E' nas letras que o orador em questão vê o agente d'esse sentimento. Vale bem a pena uma larga referencia ás razões que apoiam a these de que se trata.

O orador entreve, no futuro, uma nobre missão para as letras: a de trazerem ao mundo o ramo de oliveira, penhor da concórdia do genero humano.

Não são ellas, com effeito, uma grande escola de sympathia, da conciliação, de caridade? Ora este proximo o tempo em que a sociedade sentirá a necessidade de todas estas virtudes. Na expectativa do reino da exacta justiça que as sciencias sociais preparam, pertence ás letras proclamar o governo provisório da sympathia. Estalhes reservado abrigarem a vida sob a sua moral doce e generosa até que brilhe a todos os olhos a moral scientifica do futuro, que para ser perfeita, tem de ser herdada...

A poesia moderna offerece-nos um magnifico exemplo quando piedosamente escuta as vozes do passado; quando reanima as civilizações extinctas sob a cinza das idades; quando, com o concurso da historia e da discipção dos paizes estrangeiros, segue a evolução da alma humana atravez do tempo e do espaço: quando, fina mente, se abre como um templo e um museu aonde os povos os mais diversos trazem os seus usos, as suas crenças e os seus deuses. O espanto e a desconfiança, que mais profunda tornavam outrora a separação das raças, convertem-se hoje em commoção benevola.

Nunca foi mais escutada a queixa das almas do que na nossa época, em que todos os espiritos de eleição se inclinam sobre as miserias sociais para as alliviar. Nunca se viu um tão grande agrupamento de sábios, de philosophos, de homens d'Estado, uma tal febre das intelligencias e das vontades tendidas para a solução dos problemas que interessam á sorte dos desherdados.

O genio de todos os verdadeiros poetas é feito de compaixão pelas dôres humanas. Todos, tanto os entristecidos que exhalam em soluções a desesperança das suas negações, como os radiosos que são illuminados pela té d'um futuro terrestre ou divino, todos são movidos por uma ardente caridade, sempre que convidam os homens a paz ou á felicidade. Nada é mais capaz de alargar o coração do que o habito de ouvir taes vozes, e as letras não são se não o grito eloquente da piedade atravez dos seculos...

Hilda

Hilda! Estamos a sos! Dize-me a sorte
Que teu labio reserva a meu futuro:
Humilde sou: no meu passado escuro
Não busques mais que a embriaguez e a morte.

A tudo resisto: por ti, fui forte:
Mas forte fui do teu amor seguro;
Si a tua fé mento-me... e acerto... e durço.
Nada o destino dá que me conforte!

Ah! Basta de viver!!... Hilda, piedade!
Volve-me o teu olhar, bella morena,
Gózos do meu sonhar, onde a verdade

Julguei achar meiguissima e serena!
Dize-me: «En não te amo!» e a crueldade
Mata-me...! Mas... morrerei sem pena!

Niterói: 1891. A. AZAMOR.

Uma «blague» do «Figaro»

O DEPUTADO (*na cama, ao acordar*)— Ah!... Dormi bem... Mas que dia o de hontem, santo Deus! Quando penso...

A ESPOSA— Foi terrivel, hein?

O DEPUTADO— Não fallemos mais n'isso... Acabou-se. Ficamos victoriosos. Eis o essencial.

A ESPOSA— Estás, então, muito contente?

O DEPUTADO— Se estou! Ah! mas deus não trabalho de mil demonios a salvação do ministerio!

A ESPOSA— Espero que sejas recompensado.

O DEPUTADO— Tambem o espero. (*A' esposa que entra*) Maria, dê-me os jornaes. Sempre quero ver quaes foram os meus collegas que votaram com o gabinete e quaes os que votaram contra elle. E' preciso não esquecer estas coisas.

A CRABA— Prompto, meu senhor.

O DEPUTADO— (*lendo*)— Ah! ah! Meine votou contra... naturalmente... Olha, filha! Kibot absteve-se... Como! O meu collega de Indes-Saône votou contra nós!... E' forte... Ha-de ouvir-me duas coisas duras quando o encontrar... Ora vamos lá ver o meu nome (*Procura e dá um subito no letto*).

A ESPOSA— O que é? O que te aconteceu?

O DEPUTADO— Esta agora é que é melhor! Dizem que votei contra o ministerio! En!

A ESPOSA— E' preciso fazer uma rectificação...

O DEPUTADO— De certo... A não ser que... Oh! que horrivel suspeita!...

A ESPOSA— O que é?

O DEPUTADO— Ch! mas é impossivel... Se tu tivesse votado contra lembrar-me-ia...

A ESPOSA— Mas tens a certeza? Olha que é o *Officie* que o diz. E a gazeta official não costuma enganar-se...

O DEPUTADO— Evidentemente.

A ESPOSA— Votaste contra. Não ha duvida.

O DEPUTADO— Mas que horrivel distracção!

A ESPOSA— Votaste contra. Soubeste, porém, depois, que o ministerio tinha vencido e imaginaste que tinhas votado a favor. Foi o que succedeu.

O DEPUTADO— (*Conhecendo a vestrosia*)— Deve ter sido isso... deve... Vou fallar ao Waldeck-Rousseau.

ALFRED CAPUS.

A PAZ?

Terminou a conferencia de Haya e, antes de se separarem, os congressistas felicitaram-se pelos resultados obtidos, sabendo bem que são os unicos a congratular-se.

Que se obtve, effectivamente, apoz dois mezes de discursos e de reuniões mais ou menos laboriosas?

Em nenhum assumpto inclusivé o da arbitragem se conseguiu unanimidade das potencias. E não se pode dissimular que, fora de uma intelligencia commum, toda a resolução pacifica é letra morta. Em quanto dezeuove paizes se entendiam para prohibir os projectis lançados por balões acrostaticos, seis estados somente renunciavam ao uso dos projectis asphixiantes, e quiz signatarios subscriviam a prohibição das balas *dum-dum*.

Em taes circumstancias, que alcance pode ter semelhante voto?

Não se reconhece logo que as quinze nações que repellem o emprego das tamosas balas n. 4, vão desempenhar, em frente das outras potencias o papel de illudidas? Porque se, fiéis á sua declaração, ellas renunciaram con effeito a servir se dos projectis d'expansão, deixam toda a vantagem aos paizes não signatarios, aquellos que, como os Estados Unidos e a Inglaterra, tem cynicamente declarado as suas preferencia pela pequena *dum-dum*.

Sómente, talvez, a questão de arbitragem approvada por quinze estados, podera produzir alguns fructos. Em caso de conflicto internacional, as nações em contugio terão o recurso, —melhor ainda, terão o dever— de apellar para os bons officios de uma ou de muitas potencias amigas, as quaes devem intervir a titulo officioso, sem que a sua mediação tome um character obrigatorio.

Mas este insignificante resultado causara, como se pode imaginar, alguma decepção ao imperador Nicolau que, animado de generosos e chimericos pensamentos, julgou trazer á Europa, com a circular do conde Mouravieff, um ramo de oliveira, signal de uma paz definitiva.

Certamente, como disse mr. de Staal, a conferencia não foi inutil: «Ella afirma que, em novos tempos, as obras baseadas da necessidade de concórdia devem domnar».

Mas está ali uma simples indicação, um voto em sua platoneo, o som da frauta d'um pequeno pastor, que bem queria fazer ouvir o seu tinado no meio dos clamores guerteiros de todo um exercito.

Quando os clarins tenham acabado de estribular, o som da frauta ouvir-se-ha. Mas esse dia vem longe ainda, não se tendo mesmo a certeza de que o proximo seculo contemple o nascer da nova aurora.

CHRONIQUETA

8 de Setembro de 1899.

Ante-hontem completaram-se seis annos que o Sr. Custodio José de Mello não almooou no Tamaryty, e hontem completaram-se setenta e sete annos que Pedro I soltou no Ypiranga o famoso grito de «Independencia ou Morte». Ambas as datas passaram desapercibidas.

Sim, porque não metto em linha de conta nem as salvas e luminarias officiaes, nem o espectáculo de gala no theatro Lyrico, nem a modesta commemoração da Sociedade das Datas Nacionais, que, ainda assim, de todas as festas foi a que teve caracter mais popular.

E' admiravel a Indifferença com que os brazileiros deixam passar as datas mais gloriosas da sua historia! Cada vez mais me co'nto de que não tenho o sentimento da nossa nacionalidade... No dia 7 de Setembro de cada anno o povo inteiro deveria sahir a rua para festejar entusiasticamente o anniversario da nossa liberdade; em vez disso, deixa-se ficar em casa, lá um ou outro cidadão se abala para contemplar as melancolicas illuminações

★

Timos uma celebridade na terra: Succì, o grande jogador, que passou em Londres 52 dias sem comer nem beber.

Teve occasião de vel-o: é um homem vigoroso, robusto, sanguineo, revelando na physionomia um appetite devorador. So emagrece e perde as côres durante os seus admiraveis jejuns.

Disse-me elle que vae levar no Rio de Janeiro 40 dias de abstinencia, convenientemente fiscalizada. Com os preços a que chegaram os comestiveis o homem realisa uma boa economia, e ainda em cima ganha dinheiro, pois não jejuna de graça.

Nenhuma autoridade tenho para dar conselhos ao celebre Succì; se a tivesse dir-lhe-ia que ficasse nesta cidade e procurasse uma collocação na Prefeitura Municipal, quando não quizesse entrar para nenhum dos nossos theatros na qualidade de actor ou de empresario.

★

Outra celebridade, que tem dado que falar, é o famigerado curandeiro Eduardo Silva, que tem chamado dois terços da população á Tijuna, onde estabeleceram domicilio... de accordo com a empresa de bonds electricos.

Não me parece justo nem razoavel a opposição que a policia e parte da imprensa têm feito a Eduardo Silva. A nossa Constituição garante, felizmente, a liberdade profissional, e não ha inconveniente em que o homem examine enfermos... e os cure... sim, porque, segundo o testemunho de centenas de pessoas, elle tem feito curas maravilhosas. Dizem até que endireitou um carcanda!

★

A exposição da Escola Nacional de Bellas Artes tem alguma coisa boa e muita coisa má. Parece-me que o jury de admissão foi de uma excessivo condendencia; não quiz sacrificar a quantidade á qualidade, fez mal.

★

Termino a chroniqueta, recommendando ás leitoras um novo livro de Machado de Assis, o mestre dos mestres. Intitula-se *Poemas recolhidos* e foi editado pela casa Garnier.

ELIAS, O HEROI

THEATROS

8 de Setembro de 1899.

Volto da S. Paulo a companhia lyrica Milone, que veio dar apenas quatro espectáculos a preços reduzidos, realizando-se hontem o primeiro com o *Garau*.

O theatro foi quasi tomado pela assignatura. Poderá ser bom e barato...

A companhia dramática italiana de que fazem parte os grandes artistas Clara della Guardia e Andrea Maggi, deu o seu ultimo espectáculo, e partiu para S. Paulo, onde naturalmente a esperam grandes triumphos.

Depois da nossa ultima chronica, Andrea Maggi te presentou admiravelmente a *Morte civil*, *Othello* e *Hamlet*, sendo entusiasticamente applaudido.

Clara della Guardia fez o seu banchet com a *Dama das caméias*, representando com extraordinario talento o papel de Margarida Gantier, perfeitamente secundada pelo actor Berti, que foi um magnifico Armando Duval.

A ultima peça nova que nos deu a companhia italiana foi a *Houra*, co'nto em 3 actos, de Sandermaun, autor da *Casa paterna*.

A peça é uma obra prima do theatro allemão, e ainda nenhuma outra foi representada no Rio de Janeiro com tanta equaldade. Oxalá que tivéssemos todos os annos uma companhia tão afinada como essa que agora nos deixou.

Disse um dos nossos jornalistas que Clara della Guardia é a herdeira presumtiva de Eleonora Duse. Disse a verdade, e não será para admirar que ella se torne ainda maior que a sua illustre collega.

Consta que voltando de S. Paulo, a companhia dará ainda alguns espectáculos nesta capital. Deus queira que assim seja.

Parece que o Variedades não apañou um grande successo com o *Enfossa*, a nova revista de Moreira Sauppano; entretanto, a peça em graça e esta bem posta em scena.

A companhia Souza Bastos fez *repêse* das operetas o *Solar da Barragem* e os *Sinos de Corneille*; prepara a *Banca*, opereta de Andran que fez successo em Paris.

A *Chave do inferno* não fez a sua obrigação no Recreio; hontem já voltou a scena a *Capital Federal* e para amanhã esta annunciado o *Gavache*.

No Sant'Anna continuam as representações da *Luzarchia*, peça que não é licito recommendar ás fôrmas leitoras da *Estação*.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Manoel Antonio Guimarães.

Paulistana — Schottisch de Ismael Madeira.
Os Filhos do Inferno — Schottisch de Costa Junior.

Fertin de Vasconcellos, Morand & C.

Grilo — Polka por Frederico Murrells.
Meus oito annos — Valsa, arranjo de Oscar Carneiro.

Sorrisos de Amor — Mazurca que nos foi offerta pela bem conhecida compositora a Ex.^{ta} Sra. D. Bilca Lauener.

Quem quizer sortir-se de louças, porcellanas, crystaes, vidros, ferragens, lampiões, objectos de phantasia, em summa de tudo quando é indispensavel «a côpa» de uma casa de familia, deve dirigir-se de preferencia á casa «La Faïence», do Sr. Theotonio de Oliveira, á rua Marechal Floriano Peixoto n. 129, (antiga larga de S. Joaquim).

Freguez que ali vá, não sae sem fazenda; tal é a amabilidade do proprietario, a superioridade da fazenda e a modicidade dos preços.

AO BACCARAT

Louças, Porcellanas, Cristaes, Christofle e objectos de fantasia.

PREÇOS DE PRIMEIRA MÃO

POR ATACADO E A VAREJO

38, RUA GONÇALVES DIAS, 38

Julio Betencor da Silveira & Comp.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'essas são demonstradas pela perfeição do trabalho, justa adaptação e grande administração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71-1 andar.

Sociedade Geral de Transportes

Carros almofadados interiormente e motores que os antigos fabricados expressamente para o transporte de moveis, pianos e objectos de luxo.

Pessoal escolhida, preços modicos e pontualidade no serviço.

31, Praça Tiradentes, 31

1, RUA DUQUE DE CAXIAS, 1

(LARGO DO MACHADO)

RIO DE JANEIRO

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

FETINR DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

Veterana, polka militar de O. Casimiro	1850
Cubana (10ª edição) polka de J. G. Christo	1850
Mercedes, 3ª edição polka de A. Giannini	1800
Santinha, polka de J. G. Christo	1800
Juracy, valsa de B. Nunes	1800
Meninisa, valsa de B. Neves	1800
Adamastor, 6ª edição, valsa de M. Leroy	1850
Diva (18ª edição), valsa de J. G. Christo	1850
Ninas loteras, valsa de A. Cavalcanti	1850
Papai, mamãe, valsa de J. Barros	1850
Bem sei que tu me desprozas successo colossal valsa com letra de A. Keller	1850
Minha querida, successo) valsa de A. E. Costa	1850
Devaneo, valsa de A. Cavalcanti	1850
Querer bem . . . doe) valsa de J. Reis	1850
Nirvana, valsa de Oscar Carneiro	1850
Christe como en 7ª ed.) valsa de Evora F.	1850
Vou pensar, valsa de Amelio Cavalcanti	1850
Americano, pas de quatre de J. Reis	1850
Garula, schottich de O. Lacarda	1850
Sempre constante, valsa de A. Keller	1850
Plaïne, mazurka de Anna M. de Freitas	1850
Boboetas, quadrilha de E. Couto	1850

Remettem-se encomendas para o interior

147, RUA DO OUVIDOR, 147

Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-XAROPÉ — NEUROSINE GRANULADA — NEUROSINE-CAPSULAS

Debilitade geral, Anemia Phosphaturia, Enxaquecas.

Deposito Geral CHIASSAING & C^{ia}. Paris, 6, Avenue Victoria.



A gallinha da visinha

CONTINUAÇÃO

Era uma vez uma santa mulher por nome Engracia do Amor Divino, que passava as tres quartas partes da sua longa existencia andando pelas igrejas a ouvir missas, a entoar benditos e a resar vias-sacras e rosarios.

Esta devota mulher morreu solteira, e sem ter quem, durante toda a sua vida, a suspeitasse, sequer, de haver infringido o sexto mandamento.

Todos os que a conheciam affirmavam que a sua alma fora direitinha para o ceo, e houve até quem aventurasse a idea de ser canonisada, em virtude da sua grande e notoria devoção.

Aconteceu, porém, que, apesar disso, quando sua alma se desprezou da velha carcassa de que ja estava aborrecida, ao chegar a porta do ceo encontrou-a fechada!

Todavia, como estava convencida de que com as suas resas havia adquirido direito a ser recebida na Bemaventurança, não hesitou em puxar o cordão da campainha da celestial morada.

A porta abriu-se, e um respeitavel velho, calvo e de barbas brancas, apresentou-se, perguntando-lhe: — Quem és tu?

— Pois não me conheis, meu querido S. Pedro? disse ella admirada.

— Tenho uma vaga idea da tua physionomia, mas não me ricordo quem sejas.

— Eu sou a alma da vossa devota Engracia do Amor Divino.

— Hum! rosou S. Pedro com pouca amabilidade.

— Então ja vos lembraes? interrogou a alma da beata.

— Poderá não! Tão poucas foram as careceações com que me amolaste em toda a tua existencia.

— Pois sou eu mesma, que deixei finalmente a Terra, para vir habitar entre os santos da minha devoção.

— Habitar entre os santos da tua devoção!? exclamou o chaveiro do ceo um tanto indignado. Mas que devoção foi essa que tiveste para com os santos?

— A de lhe resar todos os dias.

— Ora! resar! resar! Vocês lá na Terra andam muito desorientadas a respeito de devoção. Que sacrificios fazem por amor de nos? Nenhum! Quando lhes vem a fantasia qualquer deusei, invocam-nos para a satisfação delle nos pedirem no meio de uma resmungação de padre-nossos e ave-marias, e chamam a isso devoção! Melhor fariam ficando caladas e empregando o tempo que esperdiçam com essas resas em fazer alguma obra util em bem dos seus semelhantes que hictam com os trabalhos da existencia.

A alma da beata, evada ainda do fanatismo a que obedecera em toda a sua existencia humana, ouvindo este discurso, arregalava para o santo Apostolo os olhos espantados, como que vendo nelle um sacrilego herege. ! S. Pedro, porém, observando com indiferença o disparatado conceito que a alma da beata se inclinava a fazer delle, accrescentou encolhendo os hombros:

— Enfim, como é com S. Miguel que tens de entender-te para o ajuste das tuas contas, vai lá ter com elle na sala do tribunal, que é ao fim deste corredor.

A alma da devota seguiu a direcção que S. Pedro lhe indicou, e em poucos instantes achou-se em uma sala, em cujo centro S. Miguel, sobre um pedestal, a esperava com a balança da justiça suspensa da mão esquerda, empunhando a direita uma espada de fogo.

— Approxima-te, disse-lhe o santo; vem assistir ao ao teu julgamento.

No mesmo instante duas figuras surgiram como por encanto aos lados da balança.

A da direita, formosa e deslumbrante, era o Anjo de Guarda de Engracia, e a da esquerda, feiissima e sinistra, era o Diabo.

— Que apresentas em seu favor? perguntou S. Miguel ao Anjo de Guarda.

— Infelizmente, disse este em tom sentido, apenas estes poucos goivos, que são as preces bem intencionadas que pude colher das suas orações pelos finados.

E lançou na concha um pequeno punhado de flores secas, cujo peso, ainda que diminuto, fez a balança pender para a direita.

O Diabo soltou uma gargalhada, ao ver a exiguidade do peso.

— E tu, o que apresentas contra ella? interrogou S. Miguel ao Diabo.

— Esta gallinha! respondeu elle, saccando de traz de si a ave que tinha escondida, e lançando a na concha da esquerda.

A alma da beata estremeceu ao reconhecer a gallinha pederica que tanto invejava a uma sua visinha, e que, tendo um dia pulado para o seu quintal, fóra por ella escondida e mandada para outra casa.

Ao cahir na concha da balança, essa gallinha começou a pôr ovos, uns atraz dos outros, e desses ovos começaram a salir frangas, que, em pouco, iam fazendo o mesmo, succedendo com estes igual pheno, meno em uma multiplicação espantosa, que fazia a concha descer até á maxima posição.

A pobre alma da Engracia do Amor Divino, tremendo de affeição olhava com horror para aquella estupenda multiplicidade, entretanto que o diabo, pondo as mãos na barriga, encolhia-se e saracateava rindo ás gargalhadas.

A vista de tal accensão, ia lá S. Miguel estender sua espada de fogo para a desgraçada alma, como uma sentença condemnatoria ás penas do inferno, quando o Anjo de Guarda, estendendo a dextra, exclamou:

— Ainda não!

E, concentrando-se como para fazer uma invocação, erguen os olhos supplicantes para o alto.

A alma de uma pequena mendiga surgiu então ao lado da concha da direita e nella depositou uma moeda de cobre, fazendo-a descer tanto, que pouco faltou para equilibrar a com a da esquerda!

O Anjo de Guarda sorriu de alegria, e o Diabo estacou como fulmi-tado!

— Salvoute do inferno esta esmolha, disse em tom satisfeito S. Miguel. Ficaras, portanto, no purgatorio até expiastes a culpa do uso inutil que fizeste da tua existencia.

— Porém, a gallinha da visinha? reclamou o Diabo desapontado.

— Come-a tu, maldito! pois que foste tu que me tentaste a turtal-a á sua dona, disse a alma da beata fazendo o signal da cruz, diante do qual o Diabo deu as de Villa Diogo.

VICTOR A. VIEIRA,

Prece de Alice

Meu Deus! meu bom Creator! meu Pae Sublime!
Que da mudez no nada me tiraste
Para gozar o bem, que não se exprime,
Do Paraizo que p'ra nos creaste!

O' fonte mexaurível de bondade!
A Ti me prostro e com fervor adoro!
Pois nunca me faltou tua piedade
Quando o divino Teu auxilio imploro.

Faze que os dias da existencia minha
Corram serenos de affeições cercados,
E que sempre dos Ceus pela Rainha
Sejam meus sentimentos regulados!

Que eu tenha em Teu amor ficando forte
P'ra vencer as paixões que me tentarem
E resistir nos vendavaes da Sorte
Que no correr da vida me assaltarem;

Que victima jamais seja de engano,
Nem prove da tineação fel amargoso;
Que se encontre em cada ser humano
Um amigo, um irmão affectuoso.

Em Ti, Senhor, confio, e tudo espero
Do Teu sublime e sacro-santo amor,
E por isso Te adoro e Te venero,
Meu Senhor Deus! meu Pae! meu Bemfeitor!

VICTOR A. VIEIRA,

O leitor da Imperatriz

Um moço poeta helleo, doutor em philosophia pela Universidade de Inspruck, acalá de publicar, em prosa lyrica, as suas recordações sobre a Imperatriz d'Áustria, de quem era leitor e a quem ensinava grego e acompanhava nos seus passeios.

Passeiam os dois: ou sob a copa da floresta de Lainz, em Schönbirum, ou numa planície desolada pela neve, na triste Miramare; ou em Corfu, debaixo da sempretremula folhagem das oliveiras, deante do mar homérico, «mais azul que toda a idéa de azul», e onde a tarde semeia rosas. A Imperatriz caminha com um passo leve mas firme, com um titilmo ondiloso, flexivel como um lyrio negro. Irradiam-lhe os olhos claros na sombra da sua cabelleira pesada «como uma coruja de nocturna melancolia». Curva-se-lhe a boca em duas pregas amargas «dois golpes de inquietação». Ella fala com voz lenta e doce. O poeta guarda da Imperatriz a impressão d'uma coisa esbelta, exquisita e triste.

Toda de negro vestida, traz um leque negro e uma sobrinha branca mas não se resguarda com elles do sol, porque é intrepida e não se arreceia da natureza. Abre-os, porém, quando encontra gente, para isolar o seu pensamento, pois tem pela vida o desprezo ironico e doloroso de Henri Heine, o seu poeta favorito.

So pode supportar creaturas simples, pescadores e pastores. Tem por confidente uma rugosa e veneravel oliveira de Miramare. O mar é meu confessor, diz ella. Gosta sobretudo dos dias tempestuosos. É uma ave que annuncia a tempestade.

Sempre que lhe é possível, não perde o espectáculo d'uma borrasca no mar alto. Encanta-a a vaga alterosa e enfurecida. Faz-se atar a ponte para a escutar, como Ulysses escutava as sereias, porque as vagas falam-lhe e attrahem-a.

Ella sente, com effeito, que ha idéas nas coisas. Ella reconhece na natureza pensamentos e vozes, e coin estas vozes povoa o silencio da sua alma. Creou-se assim um mundo interior em que se encerra. Fenda pela vida, refugio-se no jardim mystico da sua alma, dispondo ali, com arte, os thesouros da sua tristeza, e expulsando todo o elemento extranho. No pensamento de que precisava, antes de tudo, ser ella propria e que só isso lhe bastaria.

Não a satisfazia, contudo, este jardim de tristeza. Era inquieta e errante. Teria odiado o Paraizo a idea de ter ali de viver sempre. Caminhava sem treguas e sem temor a cata do seu destino. Era a sua maneta de vencer a vida. «A vida, dizia ella, não tem senão um fim: ser vencida na sua forma actual, e, quando se quer vencer-a, nada se deve temer: ou desejar tudo ou ser indifferente a tudo»

Ella consagrou o seu palacio a Achilles moribundo. Era-lhe o heroe grego um bello symbolo da vida, e definiu-se ella definindo-o: «Admito o porque os seus pés foram tão leves! Era tão forte e altivo, desprezou todos os reis e todas as tradições, e não teve na menor consideração as multidões humanas. Só teve por sagrada a sua propria vontade, não viveu senão para os seus sonhos, e era-lhe mais preciosa a sua tristeza que a sua vida inteira».

E esta creatura de sonho, esta visão de poeta feita realidade, cahiu brutalmente sob o punhal de Luccheni!

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 50 — Saia 14000

Pelo correio mais 800.